

Transcendência

Por Rudesindo Soutelo (*)

Uma sucessão de sons constrói uma melodia. Uma sobreposição de tons conforma um acorde. Um encadeamento de acordes gera uma harmonia. Uma organização de ataques e durações dos sons produz um ritmo. Tudo isso são elementos básicos e estruturantes do discurso musical mas não é qualquer sucessão, sobreposição, encadeamento ou organização que se transforma em música.

O etnomusicólogo John Blacking, no seu livro *How musical is man?* definiu a música –e assim intitula o primeiro capítulo– como “Sons organizados humanamente”¹; e Bonnie C. Wade acrescenta que música não é uma coisa ou categoria da organização dos sons mas sim um processo e que este processo é sempre diferente da organização dos sons para falar².

É o processo que constrói a expressão musical de uma cultura e outorga determinadas características a essa sucessão, sobreposição, encadeamento ou organização dos sons.

A música é um artifício da inteligência humana e, como toda expressão artística, precisa de uma vontade de transcender, uma intenção de criar algo que reclame o nosso interesse

depois de acabado. Na *Teoria estética*, Theodor Adorno esclarece: “As obras de arte que se apresentam sem resíduo à reflexão e ao pensamento não são obras de arte”³.

Não ignoramos que no período de hegemonia cultural usamericana –a que vai do holocausto de Hiroxima e Nagasáqui até à queda das Torres Gémeas de Nova Iorque– a transcendência foi menosprezada, ridicularizada e posta de parte para favorecer os interesses de uma ‘democracia’ económica baseada no hiperconsumo; mas pode sobreviver uma cultura, uma sociedade que promove a intranscendência? A crise atual não é económica nem financeira, antes é a crise de valores provocada pela perda da vontade de transcender.

Numa intervenção académica, na qual questionava a validade artística do pós-modernismo, fui compelido a esclarecer o conceito de transcendência e optei por fazê-lo com palavras simples recorrendo ao exemplo da gravidez. Os motivos pelos quais se chega a uma gravidez podem ser múltiplos e variados, desde algo não desejado até uma reprodução assistida, mas, uma vez que se toma a decisão de a levar pa-

ra a frente, o objetivo é sempre o mesmo: ultrapassar a própria existência, deixar memória, ir além do ordinário, ser fora de si, elevar-se acima do vulgar, transcender.

Reconheço que não fui muito simpático respondendo assim a uma senhora sem filhos mas uma sociedade que não procria, dando à luz, produzindo, criando –sejam filhos, obras de arte, ou conhecimento– extingue-se vítima da sua própria intranscendência. Martin Heidegger expressa isso de um modo mais conciso e filosófico: “Transcendência significa ‘superação’. É transcendente, quer dizer, ‘transcende’ aquilo que realiza esta ‘superação’, aquilo que se mantém aí habitualmente”⁴.

A queda do Muro de Berlim representou para a Europa a vontade de transformação, a recuperação da autoconfiança, da restauração dum certa transcendência e ética do modernismo; o que a filósofa catalã Rosa María Rodríguez-Magda vem identificando como “trans-modernidade”⁵.

Assim como Hiroxima significou uma mudança de paradigma, outro acontecimento apocalíptico, o dia 11 de setembro de 2001, marcou uma nova forma de pensar o mundo, mas o “asselvajamento cibernético ou *mass-mediático*”⁶ –segundo aponta Rodríguez-Magda– pode impedir-nos de caminhar para o que Jürgen Habermas chama uma neo-modernidade múltipla livre de dominações⁷.

(*) *Compositor e Mestre em Educação Artística.*

© 2010 by Rudesindo Soutelo

(<http://www.soutelo.eu>)

(Vila Praia de Âncora: 28-XII-2010)

¹ Blacking, J. (2000). *How Musical is Man?* (6ª ed.). Seattle: University of Washington Press, p. 3.

² Wade, B. C. (2004). *Thinking Musically*. New York: Oxford University Press, p. 3.

³ Adorno, T. W. (2008). *Teoria Estética*. (A. Morão, Trad.) Lisboa: Edições 70, p. 188.

⁴ Heidegger, M. (1990). *Qu'est-ce que la métaphysique [in Questions I et II]*. Paris: Gallimard, p. 62.

⁵ Rodríguez-Magda, R. M. (2004). *Transmodernidad* (1ª ed.). Rubí (Barcelona): Anthropos, p. 16.

⁶ *Ibid.*, p. 8.

⁷ Habermas, J. (2008). *El discurso filosófico de la modernidad*. Madrid: Katz Editores.

Publicado em:

A Aurora do Lima (Viana do Castelo), Ano 156 nº 8, 18-II-2011, p. 7

As Artes entre as Letras (Porto), nº 49, 27-IV-2011, p. 17 (<http://www.artesentreasletras.com.pt>)

PGL (Galiza), 2-III-2011, (<http://www.pglingua.org/opiniom/3314-transcendencia>)

Estudo Geral (Lisboa), (<http://luis-eg.blogspot.com/search/label/Rudesindo%20Soutelo>)